

## O JORNAL PORNOGRÁFICO DO SÉCULO XIX: O FLERTE ENTRE A VINGANÇA DE UM SAPATEIRO E O NATURALISMO<sup>1</sup>

The pornographic journal of the 19th Century:  
the flirting between *A Vingança de um Sapateiro* and Naturalism

Natanael Duarte de Azevedo<sup>2</sup>  
Bianca do Carmo Pereira Brito<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo busca promover um diálogo entre a História da Literatura e a História Cultural a partir da análise do romance-folhetim *A Vingança de um Sapateiro*, do escritor Bock, pseudônimo de José Ângelo Vieira de Brito, que foi publicado pelo jornal *O Rio Nu* no ano de 1899, período que compreende a *Belle Époque* brasileira. A pesquisa tem como fonte primária o romance publicado nos números do jornal *O Rio Nu* (edições 68 a 94), caracterizado como pornográfico, com ampla circulação no cenário brasileiro oitocentista. O tom jocoso do impresso, que se apropriou da pornografia como categoria literária para nortear e atrair o público leitor, apresenta o tema da traição em meio a jogos sexuais e de conquista propostos por João da Cunha (o sapateiro). Com essa pesquisa, conseguimos problematizar questões em torno da literatura pornográfica que circulou nos impressos da *Belle Époque* brasileira e os seus desdobramentos críticos, estéticos e a presença do naturalismo em meio à composição do jornal.

**PALAVRAS-CHAVE:** *A Vingança de um sapateiro*; literatura pornográfica; impressos da *Belle Époque*.

**ABSTRACT:** This research seeks to enter into a dialogue about Literature History and Cultural History based on the review of the serial novel *A Vingança de um sapateiro*, written by Bock, the pseudonym of José Ângelo Vieira de Brito, which was published by the *O Rio Nu* newspaper in 1899, a period that encompasses the Brazilian *Belle Époque*. The primary source of the research is the novel published in *O Rio Nu* newspaper (68 to 94 issues). The novel was considered as pornographic and it had a wide circulation in the 19th century Brazilian scenario. The playful style of the publication, which appropriated itself of pornography as a literary category to guide and attract readers, presents the theme of betrayal among sexual and conquest games proposed by João da Cunha (the shoe repairman). In our research, we were able to problematize issues about pornographic literature that circulated in the printed flyers of the Brazilian *Belle Époque* and its critical and aesthetic developments and the inclusion of Naturalism in the composition of the newspaper.

**KEYWORDS:** *A Vingança de um sapateiro*; pornographic literature; prints of the Brazilian *Belle Époque*.

<sup>1</sup> Este artigo apresenta resultados do projeto de pesquisa “História dos jornais eróticos brasileiros do século XIX e XX”, financiado pela Chamada MCTIC/CNPQ N° 28/2018 — UNIVERSAL.

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

<sup>3</sup> Bolsista de Iniciação Científica do CNPq (UFRPE).

## INTRODUÇÃO

Tratar de pesquisas que tomam o jornal como um lugar de excelência de circulação da literatura no Brasil do século XIX nos faz ver que, nos múltiplos horizontes da historiografia da literatura, um certo tipo de literatura muito comum no cenário brasileiro caiu no esquecimento ou foi relegado a esse lugar de lapsos memorialísticos propositadamente. Estamos falando da literatura pornográfica. Como apontam Azevedo (2019) e El Far (2004), mesmo com uma grande produção e circulação de temática pornográfica em romances-folhetins e contos, ainda encontramos poucos registros na historiografia da literatura e da imprensa acerca de tais textos literários e de seus autores. Nesse sentido, a literatura pornográfica presente nos jornais foi constantemente deixada de lado ou mesmo silenciada, considerando o tratamento dado a outros escritos vinculados nesse suporte. Assim, vemos que a pornografia assume um *status* de categoria “fantasma”<sup>4</sup> no cenário jornalístico e livreiro do Brasil de oitocentos devido ao tabu de suas histórias e à hipocrisia de nossa sociedade, pois, como aponta Del Priori (2011), o século XIX representa o período mais “hipócrita” da história brasileira.

É bem verdade que tal silenciamento ou marginalização desse tipo de literatura não é uma característica típica da terra *brasilis*, pois, como afirma Goulemot (2000, p. 16) a respeito da literatura pornográfica francesa: “o livro pornográfico se compraz na sombra e no segredo”, sendo considerado como literatura de segunda prateleira (GOULEMOT, 2000). A fim de romper com o paradigma da marginalização da literatura pornográfica e jogar luz nessa sombra que tomou conta dela, o nosso trabalho se dispõe a tratar do texto oitocentista *A Vingança de um Sapateiro* do escritor José Ângelo Vieira de Brito, que foi publicado como romance-folhetim pelo jornal *O Rio Nu* no ano de 1899 nas edições de 68 até 94 sob o pseudônimo de Bock e sua relação com a sociedade vigente e o naturalismo.

José Ângelo Vieira de Brito, J. Brito, como era conhecido no meio literário, foi um escritor, senador e deputado estadual brasileiro. Nasceu em Palmeiras dos Índios, Alagoas, e foi ainda muito jovem para o Rio de Janeiro onde trabalhou no Correios e depois ingressou na imprensa. Suas

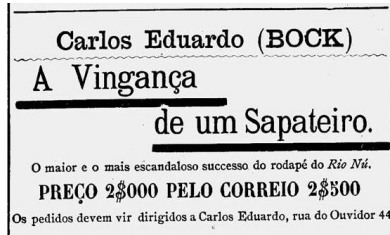
---

<sup>4</sup> Cunhamos o conceito de “fantasma” para a pornografia, considerando que mesmo sendo elevada ao *status* de categoria a partir do século XIX por meio da ascensão da imprensa (HUNT, 1999), não se encontram nos manuais e trabalhos acadêmicos muitos estudos da história da literatura brasileira que trazem e/ou resgatam tais obras e autores que rompiam com o moralismo da época mesmo tendo registro de que a divulgação de tal literatura é visível nos jornais dos séculos XIX e XX.

colaborações se espalharam em diversos jornais como o *Diário de Notícias*, *A Notícia*, *Gazeta de Notícias*, *A Careta*, *O Rio Nu* e *O Coió*, além de J. Brito ter contribuído em atividades teatrais da época. Ressaltamos que J. Brito escreveu sob os pseudônimos de Carlos Eduardo, Bock, Bier, M. Gregório Jr., João Black e Antônio. Dentre as diversas contribuições do autor para a literatura nacional, escolhemos como exemplo de literatura pornográfica a sua publicação *A Vingança de um Sapateiro*.

O romance-folhetim *A Vingança de um Sapateiro* fez muito sucesso em sua época de circulação (1899). Consideramos tal sucesso devido à permanência desse romance por muitos anos no formato livro mesmo após a sua publicação primeira ser como romance-folhetim em *O Rio Nu*. Cerca de três anos depois de seu lançamento como romance de “rodapé”, o periódico *O Coió* anuncia a venda do romance de J. Brito em livro e com outro pseudônimo: Carlos Eduardo (Bock).

Figura 1: Propaganda — *O Coió*



Fonte: *O Coió*, Rio de Janeiro,  
n. 65, ano II, p. 7, em 16 jan.1902.

Tal romance-folhetim será tratado neste artigo como uma expressão do período oitocentista brasileiro a partir do uso dos conceitos da História Cultural, propostos por Roger Chartier (1988; 2017), cuja base se apresenta nos conceitos de representação, apropriação e práticas, que postulam a dependência da construção de sentido ao processo de leitura. A análise também está ancorada na pesquisa em jornais, cujas descobertas nos apresentam a heterogeneidade deste suporte (BARBOSA, 2007), bem como sua influência na construção de determinados gêneros literários.

Por se tratar de um romance que circulou em um jornal pornográfico, iremos nos apoiar em alguns trabalhos que consideram a pornografia como discurso e/ou categoria literária, a exemplo de Mainueneau (2010), a fim de compreender o local da pornografia na sociedade e seus níveis; El Far (2004), que aborda as questões que envolvem a pornografia enquanto categoria literária; Azevedo (2013; 2019) para

compreensão dos jornais pornográficos e a *Belle Époque*, especialmente em *O Riso* (1911-1912) e *O Rio Nu* (1898-1916).

Com relação ao romance-folhetim, apoiamos-nos nos estudos de Alvim (2008) e Gonçalves (2013), os quais apresentam um pouco da história deste gênero e da inserção dele no Brasil, respectivamente. A fim de compreender como o naturalismo se apresenta nos fins do século XIX e sua relação com a literatura pornográfica da época, consideramos as pesquisas de Mendes (2009; 2019). Com a finalidade de expor um pouco mais sobre o período histórico, num ponto de vista social e artístico, do texto que será trabalhado, as concepções de Sevckenko (2003) também nos serviram de fundamentação.

A construção da pesquisa se deu a partir das leituras dos jornais pornográficos que circularam na *Belle Époque* brasileira e da apreensão dos conceitos necessários para o manuseio deste suporte. Deparamo-nos com diversos romances e contos pornográficos e optamos por nos dedicar à análise do romance-folhetim *A Vingança de um Sapateiro*. A escolha do referido romance surgiu pela possibilidade de compreender o gênero escolhido e a sua relação com o naturalismo brasileiro em meio à produção de literaturas pornográficas que tinham uma grande circulação entre os leitores do século XIX.

O romance pornográfico dos oitocentos, aqui analisado, por estar à margem das aceitações moral-religiosas da época, expressa uma visão daquela comunidade leitora que poderia estar fadada ao esquecimento se não fosse o registro da literatura como representação da sociedade. O romance *A Vingança de um Sapateiro* possivelmente representa algumas questões latentes daquele tempo: o anseio do gozo, da fuga, da vingança, o anseio da amplificação do sentimento, seja de amor, dor, desespero ou pena.

O artigo será composto por três partes: a primeira trata do jornal no século XIX, como sua composição e parte naquela sociedade; a segunda aborda o romance-folhetim selecionado e sua circulação no contexto brasileiro; e a terceira parte relaciona o romance com o naturalismo difundido no fim do século.

## OS JORNAIS DO SÉCULO XIX

O jornal, até a metade do século XIX, possuía características políticas bem marcadas.<sup>5</sup> Cada jornal professava sua crença e a defendia, fosse liberal ou conservador. Sua existência era condicionada a essa luta

---

<sup>5</sup> Quando se afirma isso, não se exclui a existência de jornais deste tipo após esse momento, apenas se destaca seu período de maior difusão.

constante contra outros jornais e políticos que não aderissem a sua causa (SODRÉ, 1999). Com a aparente estabilidade que o Império conquista nesse período, as lutas políticas diminuem e o jornal abre mais espaço para a literatura, ou melhor, para as belas-lettras, espaço este que estava sendo conquistado a duras penas pelos escritores do dito período romântico.

Em meados de 1860, a imprensa volta a sua agitação pelas crises que surgem neste período e movimentos republicanos começam a surgir, sendo criado em 1870 o jornal *A República*, órgão do Partido Republicano Brasileiro (SODRÉ, 1999). A época das lutas pela abolição da escravatura, ocorrida em 1888, e pela proclamação da República, ocorrida em 1889, foi um período de florescimento para a literatura presente nos jornais e foi igualmente o período de surgimento e propagação da chamada *Belle Époque* brasileira.

A *Belle Époque* brasileira é marcada pela tentativa de transportar costumes europeus para os principais centros urbanos brasileiros, em especial o Rio de Janeiro, onde seus casarões coloniais e imperiais, tomados pela população menos abastada, foram demolidos, dando espaço para o progresso. O expurgo da comunidade pobre abriu espaço para que “as ruelas acanhadas se transformassem em amplas avenidas, praças e jardins, decoradas com palácios de mármore e cristal e pontilhados de estátuas importadas da Europa.” (SEVCENKO, 2003, p. 43) Assim, os jornais e as revistas se tornam um importante meio de divulgação dessas ideias, sob o lema de “O Rio civiliza-se!”<sup>6</sup> De modo geral, os jornais no século XIX são marcados pela sua multiplicidade discursiva, dado que neles habitam os diversos discursos da sociedade, ou seja, as incontáveis opiniões dos leitores ou ouvintes, considerando que a leitura do jornal em voz alta era comum de diversas seções da sociedade, fazendo o jornal ser uma forte expressão de sua época e, portanto, podendo ser tratado como fonte primária para compreensão de uma sociedade (BARBOSA, 2007).

Vale destacar que a materialidade dos impressos oitocentistas, considerando-se as modernizações das prensas em fins de século XIX e início de século XX, amplia as possibilidades de se buscar a representação do discurso da época, uma vez que “não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor”

---

<sup>6</sup> “Essas transformações foram definidas por Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914), autor da seção ‘Binóculo’, da *Gazeta de Notícias*, com a máxima ‘O Rio civiliza-se’, que se tornou o slogan da reforma urbana carioca.” Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/?tag=o-rio-civiliza-se>. Acessado em 17 ago.2019.

(CHARTIER, 1988, p. 127). Assim, essa compreensão do lugar do jornal no século XIX e sua função é necessária para assimilar a construção de sentido produzida pelo leitor.

O leitor é o destino final de todo texto escrito. Agradá-lo ou retirá-lo de sua zona de conforto é o objetivo de todo escritor, como sustenta Chartier (1988, p. 123): “o leitor é, sempre, pensado pelo autor, pelo comentador, pelo editor”. Tendo em mente a formação do jornal e vendo-o como local de expressão da sociedade, o leitor é um agente influenciador da composição do periódico, seja de gêneros mais contextuais (crônicas, anedotas, piadas etc.) ou de gêneros menos contextuais (contos, romances-folhetins, poemas etc.), todo jornal está sob o jugo dos leitores. Assim, a perspectiva para a qual o pesquisador deve-se voltar corresponde à apropriação do texto pelo leitor, considerando que “a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares e significações de modo nenhum redutível às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros” (CHARTIER, 1988, p. 123). Abordar esse suporte requer considerar esses três fatores: o autor que pensa num leitor, escreve para ele e o limita nas interpretações e, ao mesmo tempo, um leitor que possui suas estratégias interpretativas e a materialidade que tenta conduzir a produção de sentido. O sentido se dá nesse meio, afinal “não basta ao texto literário existir, ele é materializado pelo sentido empreendido pelo sujeito leitor, ou seja, a apropriação do livro pelo leitor será responsável por toda representação de sentido da obra e da sociedade na qual ela foi lida” (AZEVEDO, 2013, p. 1). Vale destacar que não há uma representação exata da sociedade, há apenas a possibilidade de descobrir uma das múltiplas representações possíveis, podendo situar os jornais como “entidades que vão construindo as próprias divisões do mundo social” (CHARTIER, 2017, p. 7), isto é, o jornal recria a realidade e a partir disso os leitores se apropriam do texto e criam o sentido.

Compreendendo onde se situa o jornal no século XIX, torna-se mais fácil a abordagem no jornal pornográfico do mesmo período, ele dispunha das mesmas necessidades que correspondem ao leitor dos jornais comuns. Entretanto, esse tipo de jornal operava à margem da sociedade, apesar de muito consumido. Maingueneau (2010) afirma que a literatura pornográfica possui por destino a proibição, é um escrito tolerado, clandestino, que impõe a divisão de práticas consideradas civilizadas e práticas que não são vistas dessa forma. Ele também constata que essa literatura é pertencente a uma determinada época e para uma determinada sociedade, ou seja, aquilo que no século XIX era considerado pornográfico pode ser apenas mais um texto em prosa que passa longe das noções atuais de pornografia, o que atesta o caráter enunciativo e relativo do periódico

pornográfico.

O jornal pornográfico da *Belle Époque* se situa nesse tipo de margem, aquela que é vista, massivamente consumida, constantemente falada, mas que não existe “no sentido de que é clandestina, nômade, parasita [...]” (MAINGUENEAU, 2010, p. 24), mas apesar de todo impedimento que possa parecer haver para essa forma de fazer literatura, ela prospera, seja por procedimentos na escrita ou nas táticas do leitor. Dino Preti (1983), tomando por base a composição dos jornais pornográficos, diz que eles eram caracterizados pela

[...] linguagem dúbia, maliciosa, em que o elemento velado era fruto da exploração da polissemia dos vocábulos, dos jogos de palavra e dos trocadilhos. [...] A matéria interior se distribuía entre pequenas narrativas e versos de motivos libertinos, comentários de fundo crítico-humorístico, capítulos de folhetins, piadas, charadas, mexericos, palpites para o jogo do bicho, notícias teatrais e bastidores, propaganda. (PRETI, 1983, p. 13)

O jornal pornográfico aqui tratado é *O Rio Nu*, um periódico de longa duração que circulou durante os anos de 1898 a 1916 com publicações bissemanais ininterruptas; ele se apresentava como um jornal cáustico que buscava, através do humor, excitar os seus leitores, independente de idade ou sexo, como podemos verificar na seção “Semana Despida” a seguinte representação dos leitores:

Desta “Semana Despida” deve constar o sucesso do *Rio Nu*. Um sucesso enorme, que veio provar o que nesta crônica se escreveu a respeito de frescura. Foi. *Homens, mulheres, velhos, moços, moças, um delírio!* Os velhos e velhas, então parece que *descobriram neste jornal cáustico uma espécie de seguardina e não tiveram mãos a medir*. Alguns velhos vi eu que compraram o jornal sexta-feira à noite e no sábado pela manhã acordaram com formidáveis olheiras. Excesso de leitura fora de horas. (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, 21 maio 1898, n. 2, ano I, p. 1 — grifos nossos)<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> No intuito de facilitar a compreensão do texto, optamos por fazer a atualização linguística de todos os trechos retirados dos jornais.

O jornal mesclava a crítica política com a pornografia e o humor por meio de charges ou quadrinhos, anedotas, colunas políticas, crônicas etc., como podemos ver na figura abaixo:

Figura 2: A Imprensa — *O Rio Nu*



Fonte: *O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 685, ano VIII, p. 1, em 28 jan.1905.

Na imagem, há uma mulher seminua, segurando numa mão um capelo de juiz com as palavras “Foro Civil” e na outra um chapéu militar, com a imprensa rasgada aos seus pés. O diálogo abaixo da imagem é uma conversa maliciosa e de duplo sentido com os “foros” da mulher e a questão política do “foro”:

— O DA DIREITA. — Eu não faço questão de foro, aceito tanto o civil como o militar. A senhora, nesta questão de foro é que deve tirar o corpo fora...

— O DA ESQUEDA. — É isso. Uma moça tão bonita, com tão bons foros, metida entre o capelo e o boné, entre a toga e a farda, entre a pena e a espada. É pena, porque pode levar uma espetadela! (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 685, ano VIII, p. 1, em 28 jan. 1905).



A imagem retrata a dificuldade da imprensa em se posicionar com relação à questão política apresentada, ficando no meio de todo o debate. No fim, o homem que se situa à direita da imagem faz a constatação de que a imprensa deveria fugir deste impasse para não sair prejudicada. Assim, o jornal tece sua crítica de forma acessível sem perder sua temática pornográfica. Também durante todo seu período de circulação, *O Rio Nu* foi um disseminador da leitura pornográfica, divulgando em todas as edições do periódico diversos livros e outros textos de temática licenciosa que poderiam ser comprados no escritório do jornal. Pode-se observar na imagem abaixo a divulgação dos textos à venda no escritório com o desenho de uma mulher em roupas de baixo sob o título de “ESTIMULANTES” dando a entender que tais escritos tinham o poder de excitar o leitor:

Figura 3: Estimulantes — *O Rio Nu*



Fonte: *O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 705, ano VIII, p. 4, em 13 maio 1905.

Desse modo, o jornal pornográfico cumpre o seu papel de excitar o leitor e se mantém fazendo críticas à sociedade como um todo, mas a crítica política em especial era um alvo constante destes periódicos, uma vez que expressavam constantemente os acontecimentos político-sociais da época. Destacados os pormenores que envolvem a leitura do suporte jornal e do

periódico escolhido, é preciso abarcar também o que corresponde ao gênero literário elegido: o romance-folhetim.

#### O ROMANCE-FOLHETIM A VINGANÇA DE UM SAPATEIRO

O romance-folhetim é caracterizado por uma publicação seriada, ou seja, cada edição do jornal vinha com uma parte do romance e os cortes eram realizados de forma estratégica para que os leitores se empolgassem e comprassem o próximo número do jornal. Tais romances funcionavam como forma de prender o leitor e, conseqüentemente, trazer ganhos financeiros para os escritores, editores, comentadores, todos que estivessem envolvidos na produção do jornal, como afirma Luíza Alvim: “O folhetim garantia não só os ganhos do dono do jornal, como dos próprios romancistas, que deixavam, assim, de depender da compra ocasional de seus livros em volumes e passavam a ter um ganho semanal” (ALVIM, 2008, p. 4).

Os romances-folhetins possuíam temáticas simples voltadas para os costumes, paixões e interesses de determinada época (MARTIN-BARBERO, 2003), possuíam diversos clímax ao longo do seu enredo de forma que o leitor era inserido num universo cheio de intrigas e complicações que, apesar de serem muitas, se resolviam com facilidade. A aceitação ou não de um romance-folhetim era constatada a partir das compras do jornal. Caso o romance não desse lucro aos editores, ele era cancelado ou tinha seu fim adiantado ou era totalmente modificado. Esse cancelamento ocorreu em vários romances do jornal *O Rio Nu*, a exemplo do romance-folhetim *O Serralho do Padre: historia de um malandrão de batina*, publicado sob o pseudônimo de Frei-Tiço. Esse romance foi cancelado pela linguagem pornográfica explícita, porém foi publicado posteriormente no suporte livro, anunciado como um romance para homens. Segundo El Far (2004, p. 111), o romance para homens é caracterizado “pelo erotismo e pornografia”. Destacamos que essa estratégia do mercado livreiro e da imprensa de oitocentos de publicar romances nos jornais e em seguida editar no suporte livro era uma prática comum no Brasil do século XIX.

Ao passo que os romances-folhetins tratavam de temáticas mais morais da sociedade, como o casamento, o romance-folhetim pornográfico dialogava com as amoralidades, ou seja, com a subversão do que se considerava moral, assim ele era palco de traições femininas e masculinas, de histórias de prostitutas, histórias de caráter anticlerical, narrativas homossexuais etc. O romance pornográfico era, e ainda é, o cenário mais propício para a expressão das práticas a que a sociedade não quer dar

visibilidade, pela dimensão radicalmente transgressora deste meio (MAINGUENEAU, 2010).

O romance-folhetim pornográfico *A Vingança de um Sapateiro*, publicado pelo jornal *O Rio Nu* no ano de 1899 nas edições de 68 até 94, é dividido em duas partes: a) primeira parte — da edição 68 até a 85; b) segunda parte — da edição 86 até a 94. Na primeira parte, é apresentada a história do sapateiro João da Cunha, que é casado com Rosinha. Enquanto trabalha, João é constantemente abordado por um pedinte chamado Manezinho ou Manoel. Um dia esse homem pede para usar o banheiro da loja do sapateiro. João, ao observar o pedinte urinando, nota que Manezinho era “o homem melhor prendado de todo esse mundo que o sol cobre” (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 69, ano II, p. 2, 4 mar.1899). Após essa constatação, João aconselha o pedinte a andar pelas ruas e expor seu membro genital na frente de moças desanimadas e tristes, afirmando que, fazendo isso, Manoel nunca mais será pedinte na vida. Sem crer muito, Manoel aceita o palpite do sapateiro e passa a procurar na rua uma moça na janela triste e desanimada. Por sorte, na primeira rua em que entra, Manezinho vislumbra uma moça com essas particularidades, aproxima-se e urina na rua para que a moça veja o seu órgão sexual. Inicialmente, como mulher casada, ela se assusta. Porém, passado algum tempo, volta à janela e depois abre a porta para que o pedinte entre.

Num *plot twist*<sup>8</sup> bem óbvio, característico dos folhetins, essa moça é Rosinha. A esposa de João havia idealizado um casamento perfeito, com um jovem bem disposto a satisfazer seus desejos carnavais, com características de “heróis de romance, mancebos generosos e bons que arriscavam a vida pela posse de uma flor que iam depor humildemente aos pés das suas amadas” (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 72, ano II, p. 3, 15 mar. 1899). Entretanto, o sapateiro não cumpria bem suas obrigações de marido e não fazia o tipo romântico. Era um trabalhador com ganhos mensais garantidos por isso, e, para apagar o fogo da filha, os pais de Rosinha aceitaram o pedido de casamento de João.

Manezinho e Rosinha passam a ter encontros românticos constantemente e a mudança de humor da esposa é percebida por João; porém, ele não acredita na possibilidade de traição. Manoel, bem arrumado, volta à sapataria de João e conta sobre os encontros com essa moça, sem dizer o nome dela. O sapateiro fica feliz pelo bem-sucedido fim do homem, porém, quando ele está voltando para casa, um vizinho seu o alerta sobre os

---

<sup>8</sup> *Plot twist* é uma expressão inglesa utilizada para designar um acontecimento inesperado que muda os rumos da trama, uma reviravolta.

encontros de Rosinha. Após a denúncia do vizinho, João fica mais atento e um dia decide perguntar a Manezinho o nome de sua amante, descobrindo assim que ele é quem banca os luxos do ex-pedinte.

João decide que matará os dois, Manoel e Rosinha, e faz inúmeras tentativas, das quais o ex-pedinte sempre consegue se safar e vai no dia seguinte contar ao sapateiro como escapou. Essa situação deixa João da Cunha com mais raiva e ele decide queimar a casa toda com Manezinho dentro. Após chegar mais cedo, o sapateiro derrama querosene por toda a casa e tira Rosinha do quarto apenas com a roupa do corpo. Rosinha, então, implora para ele levar a mala com dinheiro e João a leva para fora de casa. Sem casa agora, João da Cunha deixa Rosinha na casa dos pais. No dia seguinte, Manoel, para surpresa do sapateiro, aparece na tenda contando como escapou da casa em chamas: ele havia se escondido na mala. Após saber disso, João se decepciona, fecha a tenda e sai jurando vingar-se, sendo este o fim da primeira parte.

A segunda parte do romance mostra Rosinha na casa dos pais, abandonada pelo marido e sentindo saudades de Manoel. Um dia, passando pela rua da casa dos pais de Rosinha, o ex-pedinte a vê e decide virar amigo da família. Depois de se aproximar, ele descobre que João da Cunha era o marido de sua amante. Sabendo disso, ele se compadece do homem e decide se casar com Rosinha. Após muita insistência, os pais dela aceitam o casamento sob a condição de morarem distantes da cidade para não sofrerem com as fofocas. Nessa cidade distante, Rosinha e Manoel compram uma pousada a muitas prestações para conseguirem sobreviver com a renda do investimento. Passados alguns meses, a pousada não está dando dinheiro, até que surge um inquilino que é surdo e mudo.<sup>9</sup>

Rosinha percebe que o homem tem dinheiro e convence Manezinho a deixá-la roçar os joelhos nele, para conseguir mais dinheiro. Percebendo as investidas da mulher e a necessidade do casal, o homem escreve uma carta dizendo que daria muito dinheiro se ela desse para ele uma noite de amor. Depois de muito insistir com Manoel, Rosinha diz ao homem que aceita a proposta. Ao chegar a noite, no momento do ato, Rosinha se vê obrigada a pedir ajuda a seu marido para poder fazer amor com o homem, já que ele fica imóvel o tempo todo. Após essa noite de agonia, na qual Manezinho teve que ajudar várias vezes o homem a transar com sua mulher, o surdo vai embora deixando uma carta e o dinheiro. Manoel pega o dinheiro para pagar as dívidas e volta no fim da tarde. Rosinha decide o esperar para

---

<sup>9</sup> Usamos a expressão “surdo e mudo” para manter a fidelidade ao texto em relação às características do hóspede.

abrir a carta. Ao chegar em casa, Manoel abre, lê a carta e se espanta, mostra a carta para sua esposa e os dois exclamam: — “era ele!” (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 94, ano II, p. 3, em 31 maio 1899.), como pode ser visto na figura abaixo:

Figura 4: Final de *A Vingança do Sapateiro*

Depois olharam-se espantados e da boca de ambos sahiram estas duas unicas palavras : — *era elle !..*

A esse tempo o surdo, que ia em caminho d'aquella cidade pacata e simples, murmurava estas outras duas palavras no doce silencio d'aquella noite estrelada :

— Estou vingado !  
E era João da Cunha .

FIM

Fonte: *O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 94, ano II, p. 3, em 31 maio 1899.

No fim da história, João da Cunha teve sua vingança, fazendo Manezinho o ajudar a fazer amor com Rosinha. Um fim inesperado para o leitor oitocentista, uma vez que pela narrativa construída se esperava a morte de Rosinha e Manezinho como ápice da vingança, mas ao mesmo tempo foi possível satisfazer as suas necessidades de leitura pornográfica e jocosa por meio da representação do sexo e da vingança.

Esse romance-folhetim pornográfico fez muito sucesso em sua época de publicação, tanto que foi divulgado em outros jornais e saiu em livro após seu término e foi tratado como um romance para homens, ou por seus equivalentes: leitura para homens, leitura para velhos ou apenas romance só para homens (EL FAR, 2004). Abaixo um anúncio do livro afirmando que ele havia sido aumentado e com o nome original do autor:

Figura 5: Divulgação do romance em livro

**ESTA SEMANA**

O extraordinario e sensacional romance do Ho-L, o maior e mais escandaloso successo do radapé d'Rio Nu

---

**A VINGANÇA DE UM SAPATEIRO**

---

Um elegante e nitido volume de cerca de 200 paginas, correcto e augmentado pelo autor e agora publicado com o seu verdadeiro nome.

N'esta livro se conta a muito galante e muito picante historia de um marido que procurou a sarna para se e sair. A pobreza d'este, o sangue novo e vivo da mulher, a prenda do amante, o do selho que da o marido, a sua alegria primeiro e o seu acanhado depois, quando sabe da coisa; o incendio; o amante carregado nas costas; etc. — formam a primeira parte do romance. Na segunda parte ha a desparada do marido e novo casamento; o amante que se torna marido, o antigo marido que se faz outro amante; os supplices da mulher, a sua rebeldia; o seu interesse; e a sua dignidade; a triste situação do novo marido; etc. Terminando tudo pela mais terrivel e mais engraçada de todas as vinganças. O amante paga na mesma moeda e com o mesmo a quem tinha feito.

**25000                      ESTA SEMANA                      25000**

Fonte: *O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 112, ano II, p. 4, em 2 ag.1899.

A edição de número 133 de *O Rio Nu* traz uma crítica escrita pelo colaborador Lucas Tavares ao romance já publicado. A análise se inicia com o escritor alegando não conhecer o autor, o que já confere à sua crítica a ideia de uma opinião que se volta estritamente para o texto e não para a vida pessoal de J. Brito. Depois ele chama sua crítica de “despretensiosas linhas, escritas sobre a perua” (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 133, ano II, p. 3, em 2 ag.1899), esse ato induz o leitor a lê-la de forma menos severa. Após isso, Tavares chama o livro de Bock de imperfeito e imoral e em seguida pede desculpas aos leitores que amam o escritor: “Ai! de mim! Sei que o Sr. Bock é o *ai jesus* dos muitos leitores de *O Rio Nu* e que em cima de mim vai cair uma saraivada de protestos e doestos” (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 133, ano II, p. 3, em 2 ag.1899). Porém “por amor da verdade” (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 133, ano II, p. 3, em 2 ag.1899), ele continua fazendo sua crítica ao livro e afirma que provará que o romance é imperfeito e imoral.

O primeiro ponto que Tavares levanta corresponde à honestidade e inocência de Rosinha Ele a ironiza e transcreve uma parte do romance na qual a heroína se agarra aos travesseiros por consequência da excitação. Depois dessa transcrição o crítico comenta: “Bela inocência esta! Inocência que se agarra aos travesseiros, que lhes passa as pernas por cima, que os abraça, que os beija que fica languida e prostrada, com a respiração acelerada, pensando em coisas distantes... Bela inocência, essa! Inocência do Sr. Bock!” (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 133, ano II, p. 3, em 2 ag.1899).

A ironia do texto é evidente, mas Tavares continua narrando sobre a inocência de Rosinha, que ele desacredita existir, e cita uma nova parte do romance na qual a personagem aparece em completa nudez e é levada por suas vontades sexuais, excerto este que narra a noite de núpcias de Rosinha com João da Cunha. Em seguida, o crítico chama a atenção para a quantidade de “cenas de concupiscência” (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 133, ano II, p. 3, em 2 ag.1899) que existe no livro e faz um comentário sobre cada personagem. Sobre João da Cunha, ele ironiza a honra dele sobre o pretexto de que um homem honrado teria matado a esposa e o amante na primeira oportunidade, um feito que o sapateiro não realizou, e diz: “É este o realismo do Sr. Bock! Realismo que nada tem de real!!!...” (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 133, ano II, p. 3, em 2 ag.1899). Em relação à Rosinha, Tavares ironiza novamente sua honestidade: “Uma pobre moça, casada, inocente e honesta (diz o autor) e que se põe a janela e chama o primeiro que passa” (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 133, ano II, p. 3, em 2 ag.1899). E continua julgando sobre o fato de a personagem se casar duas vezes e que “não satisfeita de enganar o primeiro, leva o segundo à humilhação revoltante que se vê no fim da obra!” (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 133, ano II, p. 3, em 2 ag.1899). Por fim, acerca de Manezinho, o crítico ironiza a beleza do personagem: “Um belo moço (diz

o autor) que trai miseravelmente o seu benfeitor e lhe desonra a mulher...” (O Rio Nu, Rio de Janeiro, n. 133, ano II, p. 3, em 2 ag.1899). Lucas Tavares finaliza sua crítica ao romance afirmando que o livro está bem escrito, que a disposição dos capítulos está boa e promete a voltar a falar sobre o livro se a redação de *O Rio Nu* assim desejar.



Figura 6: Crítica ao romance  
 Fonte: *O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 133, ano II, p. 3, em 2 ag.1899.

Essa seção se assemelha mais a uma propaganda travestida de crítica, já que o escritor apresenta trechos do livro que não saíram no folhetim, excertos esses que têm caracteres visivelmente pornográficos. Além disso, o crítico ironiza as características dos personagens que, pela narrativa, são determinantes para o sucesso do romance. Esse processo atinga a curiosidade do leitor e divulga cada vez mais o romance.

*A VINGANÇA DE UM SAPATEIRO*  
 COMO EXPRESSÃO NATURALISTA NO SÉCULO XIX

A corrente literária naturalista se apresentava como uma narração, a partir do empirismo e cientificismo, da sociedade como ela é e afirmava que seu objetivo final era moralizante, ou seja, havia no fim do texto uma moral da qual os leitores teriam que se apropriar e descobrir, para, por fim, aplicar e propagar. O naturalismo tido como uma literatura científica e com um dizer moralizante, não foi vista pelos leitores e livreiros do *fin-de-siècle*<sup>10</sup> desta forma, sendo interpretada por eles como livros para homens, ou seja,

<sup>10</sup> Expressão francesa que significa “fim de século” bastante utilizada no fim do século XIX, pela busca constante de se adequar à cultura francesa, a *Belle Époque*.

escritos que possuíam a temática sexual, como afirma Mendes:

No imaginário do comércio livreiro do fim do século XIX, o romance naturalista era um ‘Livro para Homens’. ‘Livros (ou leitura) para Homens’ era a expressão favorita das livrarias brasileiras e portuguesas do período para designar impressos licenciosos em sentido amplo. (MENDES, 2019, p. 75)

Aliás, segundo Baguley (1995, p. 38-43 *apud* MENDES; CATHARINA, 2009, p. 113), nem o próprio Émile Zola cumpriu todos os requisitos para um texto ser naturalista, requisitos que foram organizados por ele. Essa sistematização não passaria de um texto construído para a interpretação e divulgação do seu novo romance chamado *Nana*.

Essa correlação do romance naturalista com o romance para homens, realizada pelos leitores e pelos vendedores, faz perceber que as concepções teóricas dos escritores naturalistas não correspondiam às leituras feitas, ou seja, o leitor ressignificou essa visão naturalista, a partir da apropriação do texto. Por sua tentativa constante de se diferenciar do romantismo e da idealização trazida por ele, o naturalismo fez uso de uma linguagem mais crua, o que para os teóricos da época enquadrava os textos como uma literatura menor, como é apresentada por Mendes:

A opinião de José Veríssimo sobre o naturalismo era a mesma de Machado de Assis e de críticos como Valentim Magalhães (1859-1903). Esses escritores rejeitavam a visão de literatura como fábula moralizante, mas concordavam que o naturalismo era uma forma rebaixada de literatura. (MENDES, 2019, p. 73)

Em parte, os teóricos e escritores da elite concordavam com o grande público quando colocavam os romances naturalistas brasileiros distantes da ideia moralizante defendida por seus autores e os encaixavam na margem da qual os jornais pornográficos fazem parte.

Entretanto, o naturalismo possuiu diversas formas, estilos e vertentes que movimentaram o fim do século XIX e início do século XX. O debate quanto à pluralidade do naturalismo já acontecia no século XIX. A existência do naturalismo de caráter mais canônico como de Émile Zola, que é definido por Baguley (1995 *apud* MENDES; CATHARINA, 2009, p. 112) como naturalismo trágico, e de outro tipo de naturalismo, o cômico ou desiludido, que tratava das banalidades. Mendes (2019) aponta ainda outros quatro tipos de naturalismo: a) “machadizado”: trazia características da escrita de Machado de Assis para poder ser aceito pelos escritores dominantes; b) naturalismo decadente: marcado por grandes descrições e



decorações que fogem do enredo; c) gótico-naturalismo: cuja base estava na desconfiança da razão e do progresso; d) naturalismo sensacionalista: cujos enredos carregam temas caros à sociedade como o aborto e o suicídio. O teor obscuro de todos os tipos de naturalismo era notável, entretanto uns se destacavam mais que outros, como é o caso do romance *Maria, a desgraçada*, de Alfredo Elisário da Silva. De acordo com El Far (2004), este romance abordou um tema popular no século XIX: a desgraça de uma mulher por uma ou várias fatalidades do destino. No romance *Maria, a desgraçada*, a personagem principal é descrita como uma santa de pele clara e macia que por diversos acontecimentos, entre eles a perda de virgindade na véspera do casamento e um sequestro, deixa de ter essas feições tão angelicais. Além dos elementos textuais, o que difere essa literatura das outras é sua permanência no mercado livreiro. Esse livro chegou à sua oitava edição e vendeu milhares de exemplares por sua narrativa recheada de reviravoltas.

Os romances para homens ou romances de sensação, como eram chamados os textos pornográficos e os naturalistas pelos livreiros, tiveram uma grande disseminação e movimentaram o mercado livreiro de fins do século XIX. Segundo El Far (2004), a proclamação da República e o fim do sistema escravocrata deram brecha para grandes desenvolvimentos em todo o país. No ramo literário, houve o surgimento de diversas livrarias como a Livraria do Povo, de Pedro Silva Quaresma, e diversas outras especializadas em literatura barata que se localizavam nas ruas dos arredores da Rua do Ouvidor. Por seus baixos valores, o jornal *O Rio Nu* divulgava impressos por 1.500 réis ou até 1 mil réis; os livros pornográficos atingiam centenas e algumas vezes milhares de leitores.

Além da visão tida pelos próprios leitores que consumiram massivamente esse romance, uma das características de *A Vingança de um Sapateiro* é que o coloca no círculo dos romances licenciosos e naturalistas é a figura feminina de Rosinha, que segue os seus instintos e é levada à traição. Durante muito tempo a fidelidade conjugal era posta como uma tarefa feminina, os homens podiam abertamente trair suas companheiras, mas o valor da esposa estava ligado a sua honestidade e à manutenção do lar (DEL PRIORE, 2011). Em contrapartida, a sexualidade feminina era tida como mais potente que a masculina, assim, para saciar as mulheres, os médicos instruíram quantidades de coitos semanais de acordo com a idade dos casais (DEL PRIORE, 2011), ou seja, a mulher não podia falar sobre sexo ou desejar o sexo livre, mas era reconhecida a sua necessidade deste prazer. Assim a entrega total de Rosinha a seus instintos sexuais femininos já apresenta uma marca do naturalismo do século XIX. Inclinações sexuais estas que foram estimuladas pelas leituras de romances, que eram estritamente proibidas às mulheres daquela época por serem consideradas frágeis e propícias a mesclar a realidade com a ficção, como expõe El Far:

Desde a ascensão do romance na Europa, diversos pensadores atinaram o mau exemplo dado às leitoras pelas heroínas das histórias de ficção, que, muitas vezes, em atitude ou pensamento, transgrediam as regras e convenções sociais. As mulheres de carne e osso não deveriam, na opinião desses homens, ter acesso a narrativas que pudessem fazê-las sonhar com afetividades e emoções distantes da sua realidade. (EL FAR, 2004, p. 185)

Rosinha é a mulher leitora de romances, que trai e não tem receio de dar prazer ao seu corpo e seguir as vontades dele. Uma personagem que é levada por suas necessidades físicas e emocionais sem pensar nas consequências destes atos e que, modificando todas as expectativas colocadas nos romances pornográficos e naturalistas do século XIX, possui um final bom. O crítico Lucas Tavares comenta no jornal *O Rio Nu* que a personagem por vezes aparece no romance fora de si:

[...] expondo a pobre moça numa nudez que revolta, *com os instintos bestiais de uma cadela no cio*, faminta e desejosa, como se fosse possível haver uma moça com aquele desembaraço e aquela vontade [...]. (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 133, ano II, p. 3, em 2 ag. 1899 — grifos nossos)

Uma segunda característica naturalista que se destaca nesse romance é a vingança do homem traído e o personagem masculino que age de forma irracional, apenas seguindo sua necessidade de desforra. Segundo Del Priore (2011) não havia castigo maior para o homem do que a fama de corno; portanto, era louvável, e até desculpável juridicamente, para ele matar a traidora e o amante. Essa figura perdurou ao longo do tempo e foi mote de diversas histórias ao longo de todas as literaturas. O adultério, no campo religioso, opunha-se ao equilíbrio interno do casamento, ou seja, tanto a traição feminina quanto a masculina eram condenadas, porém a traição masculina foi naturalizada e a feminina recebeu a condenação que deveria ser destinada a ambas. João da Cunha segue os ideais daquela época e colabora com a concepção de que a vingança é algo inerente ao homem, tanto que transforma essa necessidade em seu objetivo de vida. Em sua crítica publicada no impresso, Lucas Tavares até ironiza o tempo que o sapateiro levou para realizar sua retaliação afirmando que João da Cunha:

[...] sabe que o outro mantém relações amorosas com a mulher e tendo-a a mão (repare bem) não o mata como *qualquer faria*,

mas espera que ele se vá meter na sua alcova, dentro do seu guarda vestidos, para matá-lo então, — *o que aliás não faz.* (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 133, ano II, p. 3, em 2 ag.1899 — grifos nossos)

Outro ponto que merece ser destacado com relação às expressões pornográficas do romance corresponde à imagem da janela, tida no século XIX como lugar suspeito e perigoso, lugar onde a casa e a rua se misturam. É na janela que a esposa recatada via outros homens além de seu marido e que outras mulheres solteiras viam os jovens que sonhavam em ser pretendentes. O corpo feminino, repousado na janela, poderia instigar as jovens a cair no erro de tentar assumir espaços os quais não lhe eram permitidos, como andar sem a presença de um homem e agir como ele (DEL PRIORE, 2011).

Além desses três elementos mais contextuais que textuais, há uma outra característica importante do naturalismo, que é a escrita do autor. Um escritor naturalista não se pode render às noções de herói romântico que veio anteriormente, ele necessita construir sua própria escrita a partir da observação da sociedade. Assim, cada autor naturalista possuía seu jeito de escrever e J. Brito foi um nome muito importante nesse meio pornográfico-naturalista, sendo autor de diversos romances-folhetins, como *O empata*, que foi considerado um sucesso no seu tempo (PRETI, 1983). No romance *A Vingança de um Sapateiro*, pode-se observar diversos momentos em que as perspectivas naturalistas aparecem na descrição dos personagens. Na edição 72 do dia 15 mar.1899, Rosinha é descrita da seguinte forma:

Já púbere, lendo sempre muita aventura de amor em romance barato, sonhando todos os gozos e delícias de uma lua de mel, a futura mulher de João da Cunha ia tornando-se *excessivamente nervosa, apoquentada diariamente pelas picadas exigentes de seu sangue quente, e sentindo toda necessidade de amor que exigia a sua carne moça.* (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 72, ano II, p. 3, em 15 mar.1899 — grifos nossos).

Este excerto apresenta a necessidade sexual de uma mulher jovem na adolescência. Já João da Cunha, quando descobre que Manezinho está com Rosinha, no mesmo instante arquiteta o primeiro plano de desforra levado pela necessidade de vingança que reside no homem traído:

Naquele *atordoamento* em que se achava, João já concebera seu plano de desagravo. Indagar da hora em que o outro iria no dia seguinte e surpreendê-los em flagrante, metendo uma bala na cabeça de cada um e entregando-se à prisão. “Ah! pensava,

seria preso, seria processado, seria julgado e voltaria a sua *liberdade limpo, puro, sem mancha e de cabeça erguida! E aquela dor de cabeça que não lhe passava! Que peso, que peso!*” (*O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 81, ano II, p. 3, em 15 abr.1899 — grifos nossos)

O atordoamento descrito e a dor de cabeça que atingem o sapateiro podem ser lidos como uma consequência física da traição e a necessidade da desforra como um papel social que o homem traído deve cumprir para voltar a erguer a cabeça. Assim Rosinha e João da Cunha são personagens que reproduzem os ideais naturalistas e, portanto, socioculturais da sua época.

Pode-se dizer que o romance *A Vingança de um Sapateiro* é responsável pelo maior sucesso desse escritor, que posteriormente foi fundador do jornal pornográfico *O Coiô* (1901-1902), elevando sua fama de escritor de romances para homens. Sobre a proposta editorial de *O Coiô*, encontramos, como intenção da publicação e circulação, que o jornal: “[...] não tem a pretensão de ser um jornal a valer e sim um veículo da pilhéria, não tem artigo de fundo e funda-se apenas em que precisa a proteção do público, para não passar a ser um coió... sem sorte” (*O Coiô*, Rio de Janeiro, n. 1, ano I, em 1. abr. 1901, p. 2).

Quanto ao nível sexual no qual esse romance-folhetim se encaixa, pode-se usar as três zonas da pornografia estabelecidas por Maingueneau (2010) para situá-lo. A primeira zona é a canônica, cujas configurações são mais aceitas pela sociedade, como o sexo no casamento; a segunda é a tolerada, que reside na satisfação dos parceiros e na legalidade, porém não é comum, como as orgias; e a terceira é a interdita, que necessita criar um novo mundo para sua existência, já que a sociedade na qual está inserida não a aceita, como o estupro. Dito isso, esse romance para homens-naturalista, segundo as zonas de Maingueneau, está localizado na pornografia canônica, cuja promoção de prazer está na satisfação compartilhada dos participantes, no que é dito normal pela sociedade e na legalidade do ato. Ainda que a traição feminina fosse subjugada pela lei, ela acontecia e era extremamente comum (DEL PRIORE, 2011). Por fim, destacamos que mesmo a traição sendo tomada como mote da narrativa, é na sexualidade livre de Rosinha e na realização de seus desejos que vemos no romance-folhetim *A Vingança de um Sapateiro* um lugar de ruptura com a moral da época.

## CONCLUSÃO

Observar a pornografia no romance-folhetim *A Vingança de um Sapateiro*, de J. Brito, por meio da representação de seu discurso e de sua

relação com o meio moralizante da sociedade, apresentado no jornal *O Rio Nu*, que circulou na *Belle Époque* brasileira, nos faz compreender que a “literatura pornográfica atua na fronteira do espaço social” (MAINGUENEAU, 2010, p. 23).

O pesquisador deve estar atento quando se propõe a analisar bens culturais, como o impresso oitocentista, colocando-se no terreno do seu tempo de circulação a fim de evitar análises anacrônicas e descontextualizadas. Entender o conceito de moralidade e traição em oitocentos foi necessário para perceber o lugar de desejante e traidora (imposto à mulher) e o lugar de vítima traída que põe em prática a vingança (direito do homem). Sendo assim, só foi possível perceber o tom licencioso-jocoso a partir do momento em que nos voltamos para as crises político-sociais da *Belle Époque* brasileira e a sua relação com um impresso que se propõe ser humorístico e pornográfico.

Vale destacar também que a materialidade do impresso, bem como os seus recursos visuais de caráter pornográfico (capas com gravuras, charges, fotografias etc.), assumem um papel acessório na produção de sentido da crítica social, pois, embora estejam sempre presentes nas páginas do jornal *O Rio Nu*, esses recursos são relegados a um segundo plano, ficando evidente a posição dos editores em atrair o público leitor por meio de imagens excitantes, mas o foco estava na literatura e nas críticas político-sociais presentes nas edições do jornal. Em todo caso, trata-se de um recurso necessário para construção de uma estratégia editorial de atrair um público leitor especializado em textos pornográficos.

O tom jocoso do impresso, que se apropriou da pornografia como categoria literária para nortear e atrair o público leitor em meio às desventuras dos jogos sexuais e de conquista propostos por João da Cunha, lançam o foco no tema da traição. Porém, ao caçoar das jovens tristes e sedentas de desejo, João prepara a cama para sua insatisfeita esposa.

Ainda que esse romance-folhetim não possua descrições explícitas e detalhadas de cenas sexuais, destacamos que a pornografia deve ser lida na singularidade de sua produção de sentido, pois não há uma homogeneidade em sua composição. O caráter licencioso do romance analisado se situa no ato de transgredir a lei, de transgredir a moral, da traição, porém não era qualquer traição: a narrativa trata da infidelidade feminina. Esta que não pode ser falada, não pode ser vista, não pode existir, mas que, assim como a literatura pornográfica, existe. E o naturalismo surge para botar o dedo nesta ferida, para apresentar à sociedade seus desejos e seus problemas. Ele mostra uma sociedade hipócrita que aceita o adultério masculino, contudo rejeita o feminino e o condena à morte.

Uma sociedade que vê tais críticas como textos prazerosos, textos animadores, textos para gozar. A mesma sociedade que condena, consome

massivamente, porque a proibição convida ao interesse. Assim, os romances naturalistas eram a principal leitura daquela época e *A Vingança de um Sapateiro* foi um romance para homens que se perpetuou e fez parte deste naturalismo pornográfico e licencioso que foi construído no Brasil.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, Luíza. *Os jornais, o romance e o folhetim*. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros\\_nacionais/6o-encontro-2008-1/Os %20jornais-%20o%20romance%20e%20o%20folhetim.pdf](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros_nacionais/6o-encontro-2008-1/Os%20jornais-%20o%20romance%20e%20o%20folhetim.pdf). Acesso em: 26 de abr. de 2020.

AZEVEDO, Natanael Duarte de. Amor ou sexo? Literatura epistolar galante e pornográfica (1880-1910). IN: Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 4., 2013, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: EDUFU, 2013, p. 1-7.

AZEVEDO, Natanael Duarte de. Para além do pornográfico: uma história dos jornais eróticos brasileiros do grande século XIX. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, Edição Especial, p. Port. 52-66 / Eng. 53-67, nov. 2019.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1988.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. 2. ed; 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870- 1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GOULEMOT, Jean-Marie. *Esses livros que se lêem com uma só mão: leituras e leitores de livros pornográficos no século XVIII*. Tradução de Maria Aparecida Corrêa. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

HUNT, Lynn. *A Invenção da Pornografia: Obscenidade e as Origens da Modernidade*. São Paulo: Hedra, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MENDES, Leonardo. O naturalismo na livraria do século XIX. *Revista Letras*, Curitiba, UFPR, n. 100, p.71-90, jul.-dez. 2019.

MENDES, Leonardo; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. Naturalismo, aqui e là-bas. *O eixo e a roda*: Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 109-127, 2009.

PRETI, Dino. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica: baseado no Dicionário moderno de Bock, de 1903*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

#### Fontes periódicas

*Careta (A)*. Rio de Janeiro. 1909-1964.

*Coió (O)*. Rio de Janeiro. 1901-1902.

*Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. 1930-1976.

*Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. 1875-1956.

*Notícia (A)*. Rio de Janeiro. 1894-1916.

*Rio Nu (O)*. Rio de Janeiro. 1898-1916.

Recebido em 17 set. 2020

Aprovado em 12 fev. 2021